

As manifestações musicais em todos os tempos



- ✓ As primeiras manifestações musicais
- ✓ Desenvolvimento da música na Europa
- ✓ Música Moderna
- ✓ Música na contemporaneidade

“

A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima de sua condição.

Aristóteles

”



Reprodução

As primeiras manifestações

No fascículo 1 deste curso, desenvolvemos aspectos relacionados às sensações provocadas pelos sons em nossas vidas cotidianas. A música nos emociona, nos impulsiona e nos deprime, não obstante a realidade de que alguns elementos musicais promovem maiores ou menores manifestações nas pessoas, muitas dessas emoções também estão relacionadas às vivências pessoais.

Talvez estejamos diante de uma curiosidade: A relação do homem com os elementos musicais sempre se deu da mesma forma? O homem manipulava esses elementos da mesma forma como manipulamos atualmente? Combinamos os elementos sonoros da mesma maneira?

Certamente que a resposta é negativa, seria tolo e ingênuo pensar que essa relação continue acontecendo exatamente da mesma forma, uma vez conhecedores de como se processam os caminhos do conhecimento, tudo se inicia na curiosidade, que dá lugar aos testes e logo estamos elaborando teorias.

Como podemos afirmar isso? Usamos quais elementos para contextualizar essas afirmações? Enfrentamos um grande problema com a música do passado e como elas eram praticadas.

Neste sentido, quando tratamos das manifestações musicais na **Era Primitiva**, vamos nos guiar por documentos encontrados através de diversos métodos, principalmente os arqueológicos.

O homem primitivo descobriu os sons em seu ambiente, descobriu formas de interpretar o som das ondas, dos animais, os ruídos da natureza, da tempestade se aproximando, até o domínio da sua própria voz.

Quanto aos elementos sonoros e a maneira como eram utilizados, não podemos afirmar que exista arte como tal. Na realidade, uma expansão impulsiva e instintiva do movimento sonoro ou um expressivo meio de comunicação, normalmente ligada a funcionalidade da comunicação, das danças e dos rituais.

Na **Antiguidade**, o mistério envolvendo as manifestações musicais ainda persiste, dada a inexistência de um processo de registro simbólico (escrita musical) ou fonográfico. Certamente que as características dessas manifestações se perderam com o passar do tempo e das gerações.

Através de imagens podemos perceber a existência de manifestações mais organizadas, de forma geral relacionadas aos atos religiosos e políticos. Fazendo estudos nos instrumentos encontrados dessa época, já podemos observar a valorização do timbre e o aperfeiçoamento nas técnicas de construção.

Desde o início do terceiro milênio antes de Cristo, no Império agrícola da Mesopotâmia, viviam respectivamente os sumérios, assírios e babilônios. Nas ruínas das cidades destes povos, foram descobertas harpas de 3 a 20 cordas dos sumérios e cítaras de origem assíria.

Observe, através dos exemplos que seguem, imagens que comprovam as atividades musicais nas civilizações, como nos casos dos afrescos egípcios:



Dois afrescos egípcios. Acima, mulheres musicistas (c.1400-1390 a.C.), Tumba de Djeserkareseneb. Abaixo, músico cego tocando harpa (c.1400-1390 a.C.), Tumba de Nakht.



Também podemos encontrar registros musicais na arte grega:



À esquerda: pintura representando um instrumentista tocando aulo, um tipo de flauta da Grécia Antiga. À direita: réplica da Lira de Apolo, feita originalmente com casco de tartaruga.

Nos escritos dos Salmos, que relatam e determinam a utilização de instrumentos musicais no serviço religioso.

Como exemplo deste último, transcrevemos o Salmo 150:1-6, traduzido para o português:

“

*Louvem a Deus no seu Templo.
Louvem o seu poder, que se vê no céu.
Louvem o Senhor pelas coisas maravilhosas que tem feito.
Louvem a sua imensa grandeza.
Louvem a Deus com **trombetas**.
Louvem com **harpas e liras**.
Louvem o Senhor com **pandeiros e danças**.
Louvem com **harpas e flautas**.
Louvem a Deus com **pratos musicais**.
Louvem bem alto com **pratos sonoros**.
Todos os seres que respiram, louvem o Senhor! Aleluia!*

”

Através desses e de muitos outros exemplos é que podemos afirmar a existência de música, instrumentos e atividades específicas. Sabemos que a

civilização grega foi consideravelmente avançada nas artes de escrever, na teoria dos fenômenos musicais, no teatro etc. Sabemos também, por escritos, que os hebreus tinham um sistema de ofícios musicais muito bem estruturado.

Mesmo assim, não podemos afirmar como essas manifestações soavam. Todas as afirmações são feitas através das interpretações de documentos e restos de instrumentos encontrados em trabalhos arqueológicos.



Mosaico romano de Orfeu (149 a.c.)



Idade Média e Renascença

A Idade Média marca a história da música universal em diversos pontos importantes. Imaginemos que tudo acontece num ininterrupto desenvolvimento, até mesmo as criações ou coisas que parecem ser novas, na realidade vieram de um processo que proporcionou mudanças.

A incansável insatisfação humana tem sido por longos anos uma das grandes razões, senão a principal, para o desenvolvimento de todas as áreas do saber, das artes, da saúde, etc.

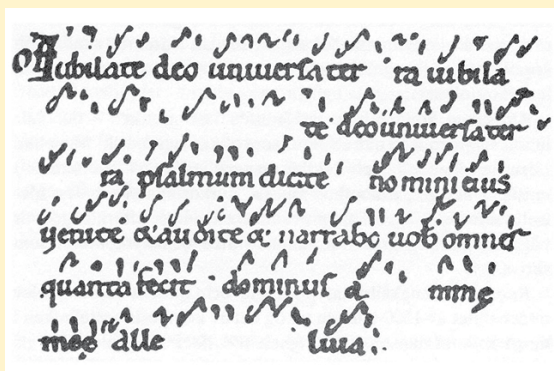
Na Idade Média e Renascença temos o trabalho musical sendo organizado em códigos (neumas), as primeiras tentativas de combinações sonoras, que atualmente chamamos de har-

monia, começa a existir no "Organum" e o desenvolvimento da independência nas linhas melódicas abrirão caminhos para o tratamento polifônico, isso sem contar com os conceitos de consonância e dissonância.

Essa música acontecia em diversos lugares, dentro e fora do ambiente eclesiástico, porém os registros aconteceram no âmbito da música sacra, uma vez que o conhecimento da escrita era limitado aos monges em suas escolas de canto, dentro os principais Leonin e Perotin, mestres na Escola de Notre Dame.

Da mesma forma que no caso da música primitiva, ainda na Idade Média e Renascença não temos os registros fonográfico de como a música era tocada, qual a qualidade dos instrumentos e nem como exatamente as músicas eram cantadas. O que possuímos é oriundo de estudos, bem como, a recriação dessa música através de interpretações.

Outra fonte muito utilizada para se recriar essa música, considerada como antiga, é através dos tratados provenientes de documentos escritos à época. Teóricos que se preocupavam em registrar, no deram grandes oportunidades de entender os pensamentos artísticos e as práticas utilizadas.



Exemplo de uma partitura em registro inicial. Observe que o texto recebe inúmeras anotações da linha melódica. Não temos, neste estágio, o registro da duração exata dos sons (esses recebiam movimentos em virtude do texto cantado). Normalmente as frases determinavam os momentos de movimento dos sons ou repouso.



Aqui, um estágio mais avançado deste processo de escrita musical, uma vez que já aparecem a utilização de linhas onde aparecem os neumas. Muito semelhante ao sistema de pentagrama que utilizamos atualmente.



Para que tenhamos um paralelo entre o antigo e o atual modo de registrar a música, vamos observar uma partitura do período Romântico, onde já encontramos uma organização maior nos símbolos. Neste estágio, temos a presença do pentagrama, o que determina com maior exatidão a altura dos sons, bem como, a duração. Desta forma, temos mensurado cada acontecimento sonoro que, neste caso, está escrito especificamente para violino e piano.



VIVÊNCIAS

Sugerimos que você acostume seus ouvidos a esse tipo de sonoridade recriada. Abaixo, vamos indicar alguns *links* para que possa assistir alguns vídeos. Os vídeos lhe darão o empurrão inicial para se acostumar com a sonoridade e características da música medieval e renascentista. Busque outros exemplos também, não se limite apenas à essas indicações.

- Exemplos de cantochoão (Canto Gregoriano):

Canto Gregoriano Monges do Monasterio Beneditino de Santo Domingo de Silos: [LINK](#)

Missa de Angelis, Schola Gregoriana Mediolanensis, Giovanni Vianini, Milão, Itália: [LINK](#)

- Exemplos de quando as vozes começaram a se dividir (Organum):

Organum quadruplum "Sederunt principes" (c.1200), de Pérotin: [LINK](#)

Viderunt Omnes, de Pérotin: [LINK](#)

- Exemplo de Moteto:

Música da Idade Média - Moteto Isorítmico, de Guillaume de Machaut: [LINK](#)

- Agora, vamos assistir/ouvir um pouco de música profana:

Pesquisadores tocam canções de madrigais do século XVI - parte 3: [LINK](#)

Músicas da corte da dinastia Tudor e da Renascença (1450-1600): [LINK](#)

Barroco e Classicismo

Cronologicamente após a Renascença, encontramos os períodos **Barroco** e **Clássico**. Neste período musical, vemos muitas mudanças acontecendo, não apenas o desenvolvimento dos elementos que já existiam, mas também, a modificação total e a criação.

No campo artístico, tratando da maneira como os compositores escreviam suas músicas, vamos encontrar uma simplificação da textura musical, se compararmos mais de perto com as obras dos compositores renascentistas.

Como assim, uma simplificação? Você deve estar se perguntando a respeito! Sim, nas gravações indicadas acima, no exemplo que trata de um tipo de música chamado **moteto**, observe com atenção e perceberá que existem várias linhas de melodia acontecendo simultaneamente, não é? Não conseguiu perceber? Escute com mais atenção.



Muitas vezes, os textos cantados eram até diferentes, imagina! Numa mesma música, partes das pessoas cantando a respeito de um assunto e a outra, cantando de outro assunto. Uma verdadeira confusão, não é? Pois é, mas acontecia.

Cada vez mais, os compositores criavam tipos de músicas como estas. Esse costume, muitas vezes, recebia o *status* de importante para provar as capacidades de criar músicas com texturas cada vez mais complicadas. Lembre-se! Isso aconteceu no período da Renascença.

Já no Barroco, um grupo de compositores que se denominava “Camerata Fiorentina”, difundiu a

ideia de que a simplificação do texto musical seria necessária para exprimir com mais clareza os sentimentos contidos nas melodias.

Você deve ter pensado: muito espertinhos esses compositores barrocos! Sim, concordo plenamente com seu raciocínio.

Era realmente impossível entender a mensagem de uma música com tantas melodias sendo ouvidas simultaneamente.

Todas essas ideias foram muito importantes. Disso tudo surgiram manifestações musicais como as óperas, as cantatas, os concertos solistas, etc.

VIVÊNCIAS

Vamos ver um pouquinho desses estilos musicais através de vídeos:

- Exemplos de concerto solista:

“As quatro estações”, de Antonio Vivaldi, com a solista Janine Jansen: [LINK](#)

Concerto para dois violoncelos, de Antonio Vivaldi: [LINK](#)

- Exemplo de ópera:

Julio César, de Georg Friedrich Haendel: [LINK](#)

- Exemplo de oratório:

Oratório de Natal, de Johann Sebastian Bach: [LINK](#)

“O Messias”, de Georg Friedrich Haendel: [LINK](#)

Tenho certeza que você reconheceu o primeiro exemplo, sobre os concertos solistas. Essa música é inconfundível! Uma das obras da música erudita que já se tornou popular em todo o mundo.

O que falar a respeito do coral de “meninos cantores” no Oratório de Natal? Realmente emocionante, não é?

No oratório “O Messias”, você conseguiu reconhecer o famoso “Aleluia” de Haendel?

Percebeu também que, de uma forma geral, em todas as músicas existia uma espécie de piano fazendo parte da orquestra? Esse instrumento é o cravo, o antecessor do piano e utilizado nessa época para compor a sonoridade dos grupos instrumentais. Juntamente

com o violoncelo, realizava o que era chamado de “baixo contínuo”.

Isso porque, posteriormente, essa prática caiu em desuso e caracteriza a música da época Barroca.

Se você quiser saber mais sobre o cravo, assista a entrevista com a cravista Rosana Langelotte [clikando aqui!](#)



Cravo italiano de 1725



Já no Classicismo, período posterior ao Barroco, teremos a música com outras características, mas num âmbito mais relacionado à construção das músicas. Os principais conceitos eram clareza, simetria e equilíbrio.

Muitas pessoas denominam toda a música erudita como Música Clássica, porém isso é um grande erro. A música clássica é um termo que se destina a especificar as obras compostas desde o final do século XVIII até meados do século XIX.

Um período relativamente curto, em comparação aos outros e com poucos importantes nomes de compositores reconhecidos, Joseph Haydn, Wolfgang A. Mozart e Ludwig van Beethoven, em sua primeira fase de composição.

Um dos pontos fortes, quando falamos de características das músicas desse período, é a simetria entre as partes e o conceito de contraste, tipo:

- **Simetria** - estamos falando de tamanhos, regularidade entre as partes que compõem uma construção.
- **Contraste** - ideias de contraste entre os elementos, como os efeitos de claro e escuro, rápido e lento, forte e suave etc.

Estes princípios guiarão os compositores na construção de suas obras, determinando as normas de bom gosto e aceitação por parte da sociedade que consumia essa música.

VIVÊNCIAS

Vamos assistir um pouco de música clássica:

- Exemplo de sonata:

Sonata N° 10 em dó maior (Allegro), de Joseph Haydn: [LINK](#)

Sonata para piano em dó maior (K545), de Wolfgang A. Mozart: [LINK](#)

- Exemplo de ópera:

"As bodas de Fígaro", 4º ato: "Oh venha, não demore", de Wolfgang A. Mozart: [LINK](#)

- Exemplo de quarteto com piano:

Quarteto para piano e cordas em sol menor (KV478), de Wolfgang A. Mozart: [LINK](#)



Neste momento, sugiro um exercício a você. Penso que é muito importante aprender a criar paralelos entre as músicas dos diversos períodos da história.

Busque repetir todas as sugestões de vídeos e áudios listados neste trabalho, além de buscar ouvir outras referências.

Não faça isso de forma desatenta, como se estivesse apenas ouvindo uma "trilha sonora". Faça esta atividade buscando atenção aos elementos musicais e estéticos que se apresentam, como os tipos de instrumentos, a sonoridade, as formações instrumentais (orquestra, coral ou pequenos grupos) e busque criar, cada vez mais, um vínculo com essas linguagens artísticas.

Romantismo

Agora as emoções virão à “flor da pele”. Enquanto os compositores clássicos estavam extremamente preocupados com a forma de suas músicas e se seriam aceitas pela sociedade que, na época, as consumiam. Os compositores românticos estavam buscando exatamente o caminho contrário, ou seja, a liberdade de expressão.

Essa música, produzida cheia de regras era muito restrita para exprimir os sentimentos que angustiava o coração e a mente do homem romântico, as paixões não correspondidas e os sentimentos avassaladores, portanto, este perí-

odo da música ocidental se caracteriza pela busca de uma música que realmente representasse os sentimentos.

Verdadeiramente, vai fugir aos padrões, tão importantes no período Clássico e se aproximar muito mais da realidade de seus autores.

Uma figura importantíssima neste processo de transição é Beethoven, que viveu durante os dois períodos (final do Classicismo e início do Romantismo) e teve sua obra marcada pela influência do período Clássico, até que se consolide com as ideias românticas.

VIVÊNCIAS

Vamos a mais alguns exemplos em vídeo:

- Exemplo de sonata romântica:
“Apaixonada”, sonata para piano nº 23 em fá menor, de Beethoven: [LINK](#)
“Patética”, sonata para piano nº 8 em dó menor, de Beethoven: [LINK](#)
- Exemplo de peças para piano:
“Improviso”, Opus 90 nº4, de Franz Schubert: [LINK](#)
“Fantasia” (Improviso), Opus 66, de Frédéric Chopin: [LINK](#)
- Exemplo de sinfonia:
Sinfonia nº 4, de Piotr Ilitch Tchaikovsky: [LINK](#)

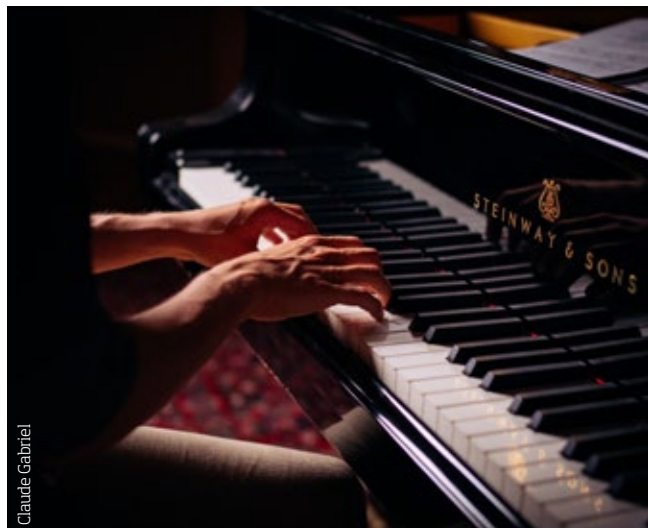


Outros compositores também podem ser citados, tais como Frédéric Chopin, Johannes Brahms e Franz Liszt. Vale a pena buscar infor-

mações e pesquisar mais sobre estes compositores, ampliando ainda mais as suas possibilidades de conhecimento.

Dentro do Romantismo, surge uma figura muito importante para o desenvolvimento da técnica instrumental. Estamos falando da figura do “*virtuose*”. Mas o que seria isso? O que significa esse termo?

Um “*virtuose*” é aquela pessoa que vulgarmente comentamos, ao ver tocando: “toca pra caramba!”. Isso mesmo, aqueles músicos que ao se depararem com seus instrumentos, fazem malabarismos com seus dedos, movimentos e efeitos que, na maior parte das vezes, não eram possíveis replicar.



Isso levantava um verdadeiro “*frisson*”, pareciam coisas quase “sobrenaturais” se analisarmos a sombra da realidade à época, criando admiradores em todas as partes: Nicoló Paganini para o violino, Chopin e Liszt para o piano. Nossa listinha não termina aqui, existiram realmente muitos virtuosos nessa época.

Vale ressaltar que uma considerável parte da construção dos instrumentos em versões modernas, se deve à figura desses virtuosos, bem como os compositores que escreveram músicas com essas características, além de aprimorar os aspectos técnicos de cada instrumento. Quem não gostaria de ser admirado por ser único em seu instrumento, detendo uma técnica impressionante?

Após o Período Romântico, como dissemos anteriormente, quando os compositores buscavam

dar “asas aos seus sentimentos”, libertando-se principalmente das regras e formas do Classicismo, vamos encontrar inúmeros outros movimentos culturais análogos, rompendo com paradigmas e testando novas possibilidades estéticas.

Movimentos e mais movimentos foram iniciados na busca por novos caminhos de se expressar, isso vai desde a maneira de construir a sequência de sons para uma ideia musical (melodia), chegando até a construção de harmonias além do que considerava, muitas vezes, aceitável. As ideias sempre fluem não ficamos apenas nesses dois aspectos, muitos compositores também exploraram os aspectos de novas técnicas para execução dos instrumentos tradicionais, bem como a utilização de objetos extramusicais como elementos musicais.

VIVÊNCIAS

Antes de falarmos mais sobre os próximos movimentos da música após o período Romântico, quero fazer um exercício contigo. Assista aos vídeos relacionados abaixo com muita atenção. Não se prenda às imagens, esteja atento aos sons, isso será o mais importante.

- “A sagração da Primavera”, de Igor Stravinsky: [LINK](#)

Após ouvir “A Sagração da Primavera” estruture, numa folha de papel, suas impressões, ou seja, quais as sensações esta obra lhe proporcionou.

Vamos agora a um outro exemplo:

- “Prelúdio à tarde de um fauno”, de Claude Debussy: [LINK](#)

O que dizer desse prelúdio, composto por Debussy? Quais as sensações que você tira dessa experiência? Quais as impressões que você tem?

Explicar o que escutamos é um exercício interessantíssimo para aguçar nossa percepção, além de ajudar a organizar os pensamentos. Você concorda?

Para essa etapa, sugiro o seguinte:

1. Ouça atentamente! Se julgar necessário, não assista, para que você não tenha a influência da visão, apenas escute e permita sua mente viajar nos sons, timbres e contornos melódicos e harmônicos.
2. Experimente relacionar os sons as imagens, cenas, permita sua imaginação passear, como se a música fosse uma espécie de “trilha sonora” de um filme.
3. Depois, leia sobre as duas obras apreciadas.



Música Moderna

Tempos difíceis! Momentos sociais conturbados, com movimentos políticos confusos, conflitos e guerras, estado de tensão e o reflexo da vida cotidiana na arte.

A Música Moderna vai absorver essas e muitas outras confusões, influenciando na maneira como seus compositores combinam os sons e buscam efeitos, escolhem seus materiais sonoros e desenvolvem suas pesquisas em texturas e timbres.

Alguns autores afirmam, a despeito do calendário comum, que o século XX teve o seu real início em 1914. Esta afirmação explicita o impacto da Primeira Grande Guerra Mundial.

Antes disso, o mundo ainda vivia a *Belle Époque* (Bela Época), a fase de progresso e otimismo vivida na Europa dos grandes impérios desde o fim da década de 1870.

Antes mesmo do grande conflito mundial acontecer, outras guerras setoriais estouraram, delimitando o caminho ao grande conflito.

Além desses acontecimentos relacionados a vida cotidiana, agregamos o fato de os compositores desejarem romper com as tradições e conceitos românticos.

Com o século XX se aproximando, os compositores se perceberam em um grande dilema: as obras de Richard Wagner, com suas características composicionais, criaram um grande enfraquecimento do sistema tonal, ou seja, o conceito de construção musical no qual, todas as obras musicais vinham sendo escritas por mais de duzentos anos.

Imagine o que isso causaria no sentido estético das pessoas que consumiam essa arte? Não se engane, foi exatamente isso que aconteceu.

Tonalidade ou Sistema Tonal

Tentando explicar o assunto de forma bem simples: para construir o que conhecemos como música, temos as notas musicais (que representam sons em alturas diversas) e suas durações. No princípio, esses sons eram combinados a partir de uma estética conceituada como “agradável ou desagradável”, sem que se tivesse uma regra definida para se combinar esses sons.

Com o tempo, teorias foram sendo criadas sobre esses conceitos, de forma que as práticas

permitiam que, para cada “tonalidade” escolhida para se construir uma música, apenas tivéssemos determinados sons fazendo parte dessa construção, em detrimento de outros que não poderiam ser usados.

Essas regras de combinação passaram a estruturar um sistema, que se chamou de **Sistema Tonal**, o que influencia diretamente na organização das notas para se construir uma música, bem como, as notas secundárias que usaremos para o conceito de harmonia.

Na foto ao lado, retrato de Igor Stravinsky (1882-1971), realizado pelo renomado fotógrafo Arnold Newman. Como veremos em seguida, Stravinsky foi um dos representantes dos novos conceitos introduzidos nas composições musicais do século XX.



O resultado deste enfraquecimento se resume na primeira metade do próximo século marcada por vários “ismos”, ou seja, correntes de pensamentos que se transformaram em movimentos de compositores.

Veremos o Impressionismo, Expressionismo, Atonalismo, Serialismo ou Dodecafonismo, Neoclassicismo e outros. Muitos desses movimentos, influenciados fortemente pelas mudanças ideológicas, sociais e tecnológicas.

A primeira metade do século XX foi dominada por dois compositores muito diferentes, estabelecidos na Europa antes da 1ª Guerra Mundial, Arnold Schoenberg e Igor Stravinsky.

Não obstante a essas características, veremos um profundo interesse dos compositores pelos materiais temáticos influenciados pela música popular, trazendo novas roupagens para uma música criada, originalmente, de forma descompromissada com a erudição.

Os elementos jazzísticos também foram adotados como uma fuga da perfeição romântica, encontrando em Gershwin uma das principais representações. Stravinsky e Milhaud também se utilizaram dessa ferramenta, inserindo em obras de concerto, características típicas das linguagens populares. Abaixo, vamos falar um pouco desses “ismos” citados anteriormente.

Impressionismo

Movimento que como seu homólogo e precursor nas artes visuais, o impressionismo musical se caracterizou pela sugestão e atmosfera, em lugar da forte emoção ou da ilustração narrativa, típicos na música romântica. Surgiu como reação aos excessos da música romântica, tendendo a fazer mais uso das dissonâncias com escalas não tão comuns.

Expressionismo

A música expressionista caracteriza-se pela emotividade intensa, dissonâncias extremas, melodias ásperas e angulosas, podendo ser atonal, dodecafônica ou serial. Assim como nas outras manifestações artísticas expressionistas, o compositor deposita em sua música seus sentimentos mais profundos, extremos e desesperados, dando à obra um caráter exagerado e sombrio.

Atonalismo

Música construída fora de um centro tonal, ou principal, não tendo uma relação hierárquica na manipulação dos sons, como se observa na música criada até o século XIX, admitindo a utilização de notas musicais ou de suas combinações, sem buscar as tradicionais relações de funcionalidade entre os sons.

Dodecafonismo

No dodecafonismo, uma sequência de 12 sons é nomeada e respeitada por todo o período da combinação ou sequência, ou seja, escolhe-se antecipadamente uma sequência de doze notas musicais e esta deverá ser utilizada na mesma ordem, tanto no sentido horizontal (melodia) quanto vertical (harmonia). Esta série de doze sons admite ser utilizada de quatro maneiras diferentes:

1. Série original - como concebida desde o princípio do trabalho;
2. Série retrógrada - a série tocada em movimento contrário, de trás para frente
3. Série invertida - a série original com intervalos invertidos;
4. Série retrógrada da inversão - A série invertida tocada de trás para frente

O dodecafonismo também é conhecido como o serialismo, por se tratar de uma série de sons usados em sequência.



VIVÊNCIAS

Chegou a hora de perceber como esses movimentos modificaram todo o panorama da música no século XX.

Na vivência anterior, tivemos a oportunidade de apreciar duas obras importante desses movimentos, os compositores Claude Debussy e Igor Stravinsky nos mostraram de uma música após o período Romântico.

Vamos assistir um pouco mais desses exemplos dos compositores modernos. Sinta o que essa fuga dos modelos românticos resultou na criação musical.

- “O mar”, de Claude Debussy: [LINK](#)
- “Pierrot Lunar”, de Arnold Schoenberg: [LINK](#)
- “Rapisódia In Blue”, de George Gershwin: [LINK](#)
- “Música para cordas, percussão e celesta”, de Béla Bartók: [LINK](#)
- “Petruchka”, de Igor Stravinsky: [LINK](#)
- “Primavera apalache”, de Aaron Copland: [LINK](#)

Alguns vídeos sugeridos nessa vivência, são montados com as partituras, na medida que os áudios acontecem, desta forma, você poderá se aventurar a entender como estão escritas as partituras para orquestras. Aproveite essa oportunidade!

Você consegue perceber o quanto essa música pode parecer “desorganizada”, ou até mesmo “estranha”? Há quem diga que parece a trilha sonora de um filme de terror.



O compositor húngaro Béla Bartók (1881-1945) ao piano.



A música popular

Sempre temos uma dualidade quando se fala da música. Os historiadores estudam os acontecimentos da música, enquanto uma arte elaborada, pautada em conhecimentos previamente estabelecido, mesmo que em algumas fases não estivessem tão estabelecidos assim, ainda em fase de experimentação. Por outro lado, temos uma música feita de forma despreocupada, sem formalismos e normalmente, por pessoas do povo.

Costumamos nos dirigir a esse tipo de música como popular, ou aquela que é realizada de maneira espontânea e que, com o tempo, deixou também de ser tão espontânea assim e ganhou requintes de ciência e conhecimento.

O que dizer do *Jazz* e do *Blues*, ou até mesmo mais próximo da nossa realidade, o que falar da Bossa Nova e de muitos outros movimentos populares que registramos em nossos livros e trabalhos acadêmicos.

Quando olhamos para a história da música na Idade Média, que comentamos no início desse fascículo, falamos de como a música acontecia, porém, dentro do âmbito da Igreja e através do que se registrou.

A música que era realizada na rua, pelos artistas populares (trovadores e menestrelis), nos bares, nas festas populares. Normalmente não recebiam registros formais, uma vez que as pessoas não eram dotadas dos conhecimentos técnicos para tal.



Wikimedia Commons

Iluminura que ilustra a Sinfonia da Cantiga 160 das Cantigas de Sta. Maria de Alfonso X, O Sábio, registradas no Códice de El Escorial (1221-1284).



Lucas Alexander

O norte-americano Louis Armstrong (1901-1971), considerado o Rei do Jazz, em Chicago, Estados Unidos.

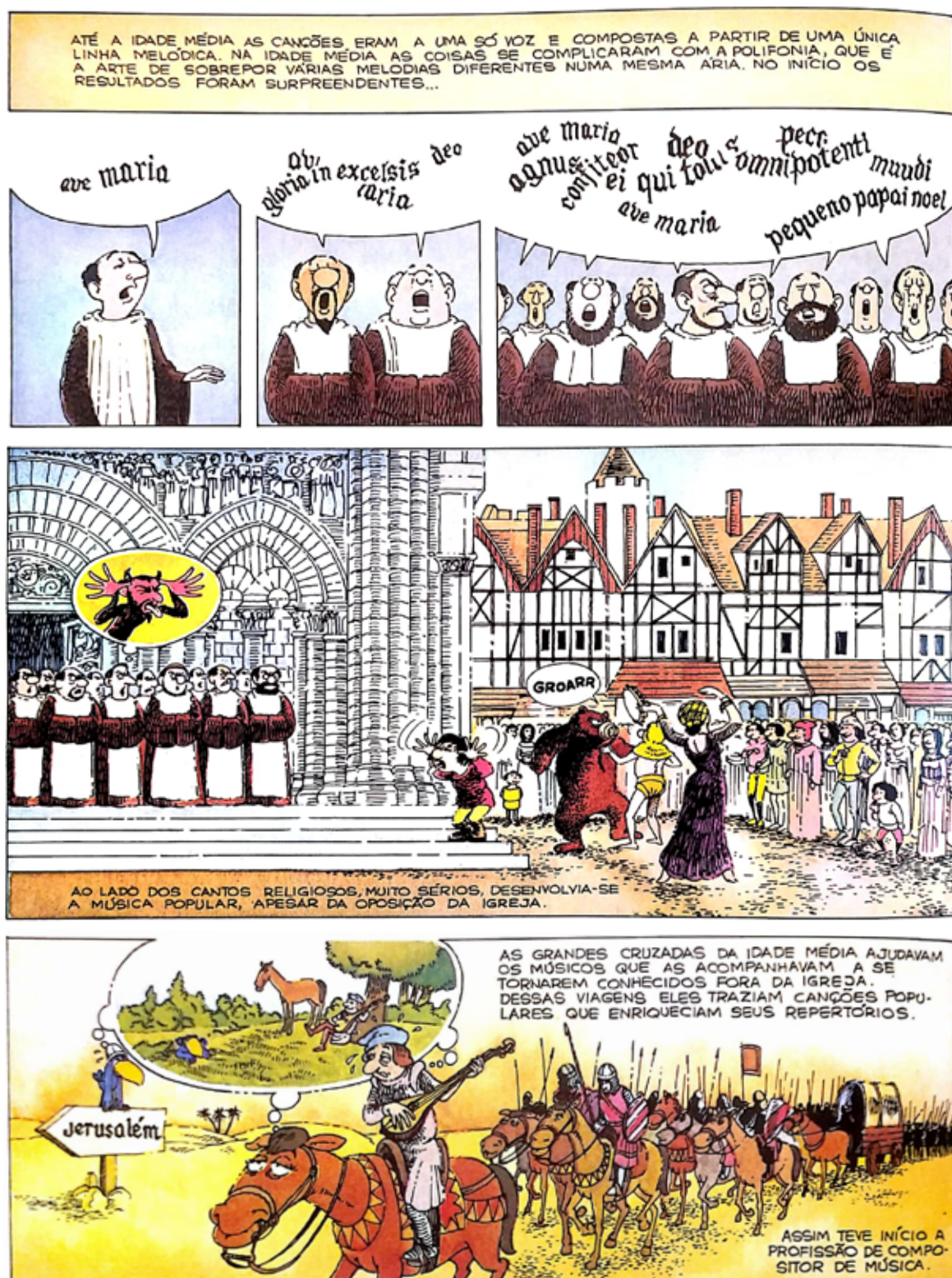


Steve Sharp

Mural do artista brasileiro Kobra em homenagem a B.B. King (1925-2015), o Rei do Blues, em Chicago, Estados Unidos.



Um divertido exemplo desses fatos, estão registrados no livro **História da Música em Quadrinhos**, de B. Deyries, D. Lemery e M. Sadler.



Como pode ver, as manifestações populares sempre existiram em todos os tempos e todas as nações possuem suas manifestações. A questão que normalmente dificulta seu estudo é relacionada ao registro, pois sendo manifestações populares, carece em grande parte de um registro formal desses trabalhos. O Brasil, por exemplo, é um país de dimensões enormes e de grande variedade de manifestações populares, que muitas vezes são definidas como manifestações folclóricas.



A música popular no Século XX

Vamos a um pequeno resumo das principais manifestações musicais populares desde o início do século XX.

O novo século começou com o auge do teatro de variedades. Em 1907, a opereta vienense atingiu seu ápice quando *A Viúva Alegre*, de Franz Lehar, estreou em Londres. Surgia, nos Estados Unidos, o fenômeno do **ragtime**, com Scott Joplin, as melodias de tempos sincopados eram influenciadas pela tradição folclórica.

Longe dos palcos, a música levada para os Estados Unidos por escravos africanos era entoada nos bordéis de Nova Orleans, esse ritmo improvisado, influenciado pelo **blues** e pelo **ragtime**, ficou conhecido como **jazz**.

No Brasil da virada do século, compositores do Rio de Janeiro começaram a tocar ritmos estrangeiros de um modo muito particular. Os instrumentos por eles utilizados conferiam às músicas um tom melancólico que deu origem ao nome desse novo estilo, o **choro**. Outra precursora do choro foi Chiquinha Gonzaga, que também fez enorme sucesso com suas marchas e modinhas.

A comédia musical se desenvolvia paralelamente ao **jazz**. A Broadway, zona teatral de Manhattan, Nova Iorque, atingiu seu auge na década de 1920. Por volta de 1927 o centro do **jazz** deslocava-se de Nova Orleans para os barzinhos clandestinos da era da Lei Seca em Chicago. Os padrões de musicalidade atingiram o auge e a década se tornou conhecida como a **Era do Jazz**.

No Brasil, o choro havia deixado de ser somente instrumental para também ser cantado. Influenciado pelo maxixe e o samba, passa a ser tocado em ritmo mais veloz e alegre, surge então, o chorinho, ou samba-choro, estilo que se espalhou pelos salões de dança cariocas. Um dos fundadores do gênero foi Pixinguinha.

Na década de 30, os musicais invadiram as telas de cinema dos Estados Unidos, em Hollywood. No Brasil, esta década representa a **Era de Ouro**



da música brasileira. Noel Rosa transforma situações do cotidiano em poesia, como em “Com que roupa eu vou?”, de 1931.

Com o desenvolvimento da rádio, surgiram cantores como Francisco Alves e Orlando Silva, o cantor das multidões. Carmen Miranda canta “O que que a baiana tem?” e Ary Barroso compõe *Aquarela do Brasil*, gravado em 1939.

Seguindo mais adiante, vamos ter nesse cenário tão rico de influências, das mais diversas, astros americanos como Frank Sinatra e Ella Fitzgerald. O Brasil será apresentado à gêneros do folclore nordestino, como o **baião**.

A **country music** se fixando cada vez mais comercialmente, porém a mistura do **rhythm and blues** negro com a **country music** branca produziu o estilo dominante das décadas seguintes, o **rock and roll**, mas com seu gingado, Elvis Presley se apoderou do estilo.

Atravessando o oceano, na Grã-Bretanha temos os Beatles com seu estilo próprio musical e o rock continua se desenvolvendo com Jimi Hendrix e os Rolling Stones.





Carmen Miranda (1909-1955)

Então surgem as épocas dos Festivais de Música no Brasil dos anos 60, com as atuações transgressoras de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Os Mutantes marcaram o surgimento da **Tropicália**. Longe desse contexto politizado, jovens paulistas se divertiam com o *rock n' roll* criando a **Jovem Guarda**.

Na década de 70 vamos ter o **heavy metal** e a discoteca ganhou força internacional, com sua música com sua batida pop destinada à dança e produzida em estúdio. Ritmos do caribe fun-

diram discoteca e soul na criação do reage, com uma forte batida sincopada e pesada linha de baixo.

Milton Nascimento lança seu álbum do Clube da Esquina e Elis Regina atinge o ápice da sua carreira. No **rock**, Rita Lee, separada dos Mutantes, lança sua carreira solo e Raul Seixas torna-se famoso.

Os anos 80 o surgimento de personalidades como Madonna, Prince e Michael Jackson, surge o **rap** nas ruas de Nova York, o heavy metal e o **hard rock** dominavam a MTV e as rádios norte-americanas e europeias com nomes como Iron Maiden, Guns N' Roses, Kiss e no Brasil, esses estilos tiveram alta receptividade entre os jovens dos centros urbanos, invadindo as rádios com músicas americanas e inglesas.

No **rock** brasileiro, destacam-se Legião Urbana, Titãs e Paralamas do Sucesso, sem permitir que se omita o nome de Cazuza, com letras poéticas e de forte carga de crítica social.

Já os anos 90, a vez das divas do pop e nenhuma tão emblemática quanto a Mariah Carey. O Brasil viu o estrondoso sucesso do **pagode romântico**, **música sertaneja**, **axé music**, e **samba-reggae**.

Esta década também foi marcada pelas **boy bands** e surgiram as artistas da Disney como Britney Spears e Christina Aguilera.



Artistas ligados à Tropicália, movimento contestador e irreverente da música brasileira, nascidos nos anos 1960.

VIVÊNCIAS

Vamos sentir um pouco desses sons! Certamente que você já conhece inúmeros deles, pois estão a todos os momentos sendo transmitidos pelos meios de comunicação comerciais, mas vale a pena relembrar algumas músicas.

- “Corta-jaca”, Chiquinha Gonzaga: [LINK](#)
- “O que é que a baiana tem”, Carmen Miranda: [LINK](#)
- “Maple Leaf Rag”, Scott Joplin: [LINK](#)
- “Maria, Maria”, Elis Regina: [LINK](#)
- “Tempo perdido”, Legião Urbana: [LINK](#)
- “O tempo não para”, Cazuza: [LINK](#)
- “Vision of love”, Mariah Carey: [LINK](#)
- “Like a virgin”, Madonna: [LINK](#)
- “Beat it”, Michael Jackson: [LINK](#)
- “We Will Rock You”, Queen: [LINK](#)

Elis Regina (1945-1982)



Reprodução



Banda Queen

Reprodução



Editorial

Instituto Beatriz e Lauro Fiuza

Programa de Música Jacques Klein

EaD - Instituto Brasil Solidário

Imagens: Arquivo IBS, Unsplash e internet (vários)



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br